

O anel que tu me destes era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou: Quando o Desejo se Degrada em Necessidade. Reflexões Psicanalíticas sobre a Neurose Obsessiva

Maria Vitória Mamede Maia
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Nadja Nara Barbosa Pinheiro
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

O presente artigo possui como objetivo principal promover uma reflexão sobre um mecanismo psíquico específico presente na neurose obsessiva: a degradação do desejo em necessidade. Inicia-se pela proposta apresentada por Freud em seus textos iniciais e da metapsicologia sobre a dinâmica obsessiva relacionando-a com as questões da distribuição libidinal a partir da posição assumida pelo neurótico obsessivo frente à tarefa em se constituir como sujeito do desejo e de ter que lidar com os inúmeros impasses daí advindos. A proposta de compreensão formulada por Lacan é utilizada no entendimento da posição que o neurótico obsessivo assume na passagem do drama edípiano que o precipita na construção de respostas subjetivas características da neurose obsessiva: a culpa, a dúvida, a indecisão, o isolamento, o empobrecimento afetivo, a mortificação do eu. Sustentando tais argumentações, três recursos ilustrativos são utilizados: a clínica, através da apresentação de algumas falas de nossos pacientes, um verso de uma cantiga de roda e uma poesia, sugestivamente intitulada *Quase*.

Palavras-chave: neurose obsessiva; desejo e necessidade; psicanálise.

ABSTRACT

The ring you gave me was made of glass and now it's broken, the love you felt was so little now that it's ended: When Desire is Degraded into Necessity. Psychoanalytical Reflections About Obsessive Neuroses.

The present paper aims to make a theoretical reflection about a specific psychological mechanism observed within obsessive neuroses: the degradation of desire into necessity. Beginning with Freud's proposition presented in his early and meta-psychological papers about the dynamics of obsessive neurosis in relation to libidinal distribution assumed by the obsessive neurotic facing the task of constructing his subjectivity. Lacan's contribution is understood based on the position assumed by obsessive neurotics through-out the Oedipus drama from what some specific subjective responses characteristic of obsessive neurosis are given: guilty, doubt, indecision, isolation, affective impoverishment, ego mortification. Sustaining these arguments are three illustrative resources: the clinical path, the patient's speech and a verse of a ring-a-rose song and a poetry, named "*Almost*".

Keywords: obsessive neuroses; desire and necessity; Psychoanalysis.

O presente trabalho advém de uma tentativa de promover uma reflexão sobre a dinâmica obsessiva em um dos seus aspectos mais instigantes à compreensão teórica: a degradação do desejo em necessidade. Este trabalho não pretende ser exaustivo, muito menos aprofundar demasiadamente essa questão. Mas, se apresenta, na verdade, como possibilidade de compreensão sobre um mecanismo psíquico que nos parece,

sobretudo, curioso, em termos teóricos, na medida em que sua instauração aprisiona o aparelho psíquico ao demandar deste um constante e intenso dispêndio de energia psíquica. Em nossa tentativa de compreensão acrescentaremos às nossas considerações teóricas alguns fragmentos ouvidos na nossa prática clínica posto que nos parece ser impensável discorrer sobre a teoria sem nos valermos do recurso clínico. O humano

se constitui em uma prática que se chama vida e a teoria que tenta dar conta dessa vida, ou das fraturas dessa vida não existe sem esse referencial.

Igualmente utilizamos, para refletir sobre a questão da degradação do desejo em necessidade na neurose obsessiva, da poesia. Nesse sentido, acreditamos estar seguindo as passadas do próprio Freud o qual nos assegurou que não haveria nada que a psicanálise viesse a estudar que um artista antes não haveria falado de outra forma e, talvez, de forma mais completa.

Maia (2007) demarca a importância da arte como uma área na qual podemos lidar com conteúdos que para nós são ou inconcebíveis ou muito agônicos. Freud (1915/1980), no seu artigo “Reflexões para os tempos de Guerra e Morte: Nossa atitude para com a morte”, fala-nos desse espaço transicional que a arte cria. Falando da questão da morte, Freud nos permite compreender como, pela arte, podemos viver e reviver, com segurança, esses sentimentos e decepções que a vida nos impõe:

*Ali [no mundo da ficção, na literatura e no teatro] encontraremos pessoas que sabem morrer – que conseguem inclusive matar alguém. Também só ali pode ser preenchida a condição que possibilita a nossa reconciliação com a morte: a saber, que por trás de todas as vicissitudes da vida devemos ainda ser capazes de preservar intacta uma vida, pois é realmente muito triste que tudo na vida deva ser como no jogo de xadrez, onde o movimento em falso pode forçar-nos a desistir dele, com a diferença, porém, de que não podemos começar uma segunda partida, uma revanche. **No domínio da ficção, encontraremos a pluralidade de vidas de que necessitamos. Morremos com o herói com o qual nos identificamos; contudo, sobrevivemos a ele, e estamos prontos a morrer novamente, desde que com a mesma segurança, com outro herói.** (p. 301, grifo nosso)*

Assim, arriscando-nos a concordar com Freud, iniciamos nosso percurso de reflexão com uma música de roda e terminamos nosso trabalho com uma poesia de Mario de Sá-Carneiro. Ao escolhermos o verso que dá título ao trabalho, fomos guiadas por duas questões. A primeira se deve ao fato de este verso fazer parte de uma música de roda, que se especifica por seu ritmo e melodia. Versos que são tão aparentemente simples e banais, tão inúmeras vezes repetidos por qualquer criança sem mudar o tom, sem alterar o sentido, nem o rodopio, a mesma mesmice que se repete, como assim o faz o obsessivo com seus rituais

ou frases repetidas, como um mantra, que o paralisa em seu lugar, afastando-o do horror que seja tomar consciência de seu desejo. A segunda razão advém do sentido do próprio verso escolhido: “O anel que tu me destes era vidro e se quebrou, o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou”, mas esse sentido desvendaremos ao longo do trabalho, não agora. Pedimos ao leitor que espere um pouquinho até podermos desvelar o porquê desta escolha.

Quanto à escolha da poesia *Quase*, do poeta Mario de Sá-Carneiro, esta aconteceu quando, ao longo da escritura deste trabalho, nos lembramos dos versos finais deste longo poema: “Para atingir faltou-me um golpe de asa... Se ao menos eu permanecesse alguém”. À palavra *aquém* e à expressão *golpe de asa* advieram imagens que, como numa brincadeira de rodas, deram as mãos e fizeram parte da dança que é uma escritura de um trabalho. Pedimos igualmente ao leitor que tenha paciência: no girar das palavras e no passar das linhas você encontrará a poesia e lá as imagens que surgiram “em uma tarde num fim de primavera...” como nos diria Fernando Pessoa.

“O anel que tu me destes era vidro e se quebrou...”

Iniciamos nossa reflexão com a descrição que Kehl (1999) nos oferece da neurose obsessiva e do obsessivo:

A neurose obsessiva é sempre um pouco ridícula. O obsessivo é o careta entre os neuróticos, e sempre relatamos seus sintomas com um certo sorriso de ironia. Seus sintomas são picuinhas. Seu sofrimento consiste em ter que se haver com mandatos e injunções simultâneas, contraditórias e absurdas, referentes a pequenos detalhes da ordem cotidiana. O obsessivo é o síndico, o legalista, o bedel. O que tenta barrar qualquer excesso de gozo do seu semelhante, que possa lembrar-lhe tudo quanto ele mesmo não se permite. Pobres obsessivos, que se levam a sério demais e, sobretudo, que levam o Outro a sério. (p. 80).

O neurótico obsessivo não consegue lidar com o desejo sem ressecá-lo, ou seja, sem desafetizá-lo, dissociá-lo, racionalizá-lo. Diante daquilo que sempre insiste em retornar, o obsessivo se angustia e sofre, sofre muito. O dinamismo obsessivo pode ser descrito, segundo Freud (1896/1980) no artigo “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa”, em quatro momentos e com essa descrição tentaremos mostrar esse sofrimento e esse ressecamento do afeto:

1. No primeiro, a criança vivencia a polimorfia sexual;

2. No segundo, há a maturação sexual precoce demais, onde o ego aparece como sintoma, rigidamente constituído. Surgem as auto-acusações ligadas às ações prazerosas, havendo a constituição do sintoma primário de defesa – vergonha, consciência moral, escrúpulo e autodesconfiança.

A base dessa fase é o conflito e a culpa, desenvolvendo-se uma maturação defensiva do eu. O neurótico obsessivo é no mínimo cúmplice e no máximo culpado. O obsessivo tem o blefe do ser. O eu é “falso” porque se pretende o avesso da perversão polimorfa da pulsão. O eu, narcisicamente posicionado, é uma defesa contra a pulsão perversa polimorfa: quer ser inteiro e concatenado, honesto e não fragmentado. O neurótico obsessivo não é vítima, ele não fala que o outro é o vilão, o responsável por suas mazelas. Ele entra em culpa: “o sujo sou eu”; “eu sou flor que não se cheira”. Assim, não há vilão para diminuir a culpa, tudo fica no eu. No seu desassossego, o obsessivo tem a culpa para piorar e pesar. É como nele houvesse sempre um livro de contas a prestar e jamais conseguisse saldar essas dívidas.

A dúvida na neurose obsessiva marca a questão da ambivalência, a questão da incapacidade de tomar decisão – a de sustentar o desejo – e, assim, o obsessivo sempre adia decisões. A compulsão é uma tentativa de alguma compensação pela dúvida, compensação pela paralisia. A compulsão é uma descarga que não traz nenhuma realização, causando culpa e expurgação. A compulsão é um ato que não é assumido pelo sujeito, montando um ritual completo que não tem um valor de um posicionamento subjetivo.

Dando continuidade à descrição da dinâmica obsessiva, os terceiro e quarto momentos de seu estabelecimento são apresentados, por Freud (1896/1980), da seguinte forma:

3. Após o segundo momento há o período de “aparente saúde” enquanto essas defesas, valorizadas socialmente, principalmente no período de latência, são bem sucedidas. Tudo parece normal e tudo parece ir muito bem;

4. O quarto período da doença advém com o retorno das lembranças recalçadas, havendo o fracasso das defesas. Assim há a formação de compromisso e a ele se acoplam um conjunto de outros sintomas que não estão relacionados ao retorno do recalçado e sim ligados ao ego: são derivativos dos esforços defensivos do ego. A defesa clássica desse período seria a formação

reativa, que representaria o oposto do desejo: o desejo fica fora de cena.

Portanto, o ciclo obsessivo advém a partir da luta contra o retorno do recalçado. Há defesas para apagar este retorno, defesas secundárias, como foi visto anteriormente. São esforços do ego em barrar o retorno do recalçado, desenvolvendo medidas protetoras: o obsessivo é um devoto obstinado do esvaziamento do desejo. Ele precisa “recalcar mais uma vez” porque percebe, no sintoma, o cheiro de desejo. O neurótico obsessivo teme algo que vem de dentro, possuindo em si a desconfiança em seu poder de controlar seus desejos, seu caos. As defesas secundárias visam enxugar o que de desejo o sintoma porta. Há, então, um esvaziamento da questão desejante e, assim, o obsessivo mata o desejo do outro, desenvolvendo a mortificação como uma de suas características. Dessa forma o neurótico obsessivo degrada o desejo em necessidade, degrada a pulsão em função, dever e obrigação. Ele não sustenta “eu desejo”. O desejo vira necessidade e dever. É o inferno do dever e assim ele constrói, com a ordem, a limpeza e o pudor, a defesa do eu contra a pulsão. Podemos dizer que o obsessivo tem um *cheiro* de perversão, já que aniquila o desejo do outro, tentando bloquear no outro aquilo que ele não se autoriza em si. O desejo tangencia-o: o obsessivo tem repulsa, dever, necessidade: “eu preciso”, “eu necessito”, “é o jeito”, “fazer o quê?” “eu sou um morto que respira!” “eu sou um morto que vaga pelos caminhos já antes trilhados, como um espectro que ainda não saiu do mundo dos vivos mas não mais a ele pertence”; jamais “eu quero”, “eu gostaria”, “eu desejo”, “eu banco”.

Para melhor entendermos a relação entre desejo e mortificação na dinâmica obsessiva, recorreremos à perspectiva lacaniana sobre o lugar que o obsessivo ocupa diante do complexo de castração ao final da triangulação edípica, triangulação esta que tem como desdobramento a inscrição da Lei, fenda instaurada pela castração, ao redor da qual o desejo pode ser, então, organizado. Nessa operação o sujeito obsessivo procura negar o Édipo, recalçando-o, porém reservando um lugar especial ao Outro a quem dirige suas demandas:

Para o obsessivo, o Outro goza, como ilustra no caso do Homem dos Ratos a figura do capitão cruel que traz à cena, com seu relato do suplício dos ratos, um gozo terrível e mortificador. [...] Trata-se de um Outro detentor do gozo, que impede seu acesso ao sujeito. É um Outro a quem nada falta e que não deve, portanto, desejar – o obsessivo anula o desejo do Outro. É nesse lugar do Outro que ele se instala,

marcando seu desejo pela impossibilidade. Trata-se de um Outro que comanda, legífera e o vigia constantemente. A fantasia do obsessivo traz a marca do impossível desvanecimento do sujeito para escapar do Outro. (Quinet, 1993, p. 28)

Assim, há, no obsessivo, a questão de não arcar, de não poder sustentar a situação, os seus desejos e vontades. O obsessivo *vive por procuração* para não se haver com os fatos que têm a ver com sua própria vida. Ele ocupa o lugar degradado, daquele que não se sustenta. Ele não consegue colocar algo dele em jogo, investir, se implicar. Na verdade, o obsessivo *contra-investe* para não investir. Assim ele perpetua o tempo de compreender para não concluir, evita posicionar-se, advir enquanto sujeito. O obsessivo é normalmente o escravo, obedecendo aos desígnios do senhor para não se implicar.

Com a questão do dever e da necessidade ocorre a degradação do desejo e esse movimento de degradação remete-nos à questão da analidade presente na neurose obsessiva. Segundo Freud (1918/1980) a fase de fixação do neurótico obsessivo é a fase anal, na qual o sujeito é demandado pela mãe. Importa salientar que o autor, em sua perspectiva original sobre a sexualidade, observa que existem momentos de desenvolvimento desta nos quais há o privilégio de uma zona erógena sobre outras ao redor da qual o diferencial prazer/desprazer se concentra. A organização libidinal em torno de uma zona erógena implica formas específicas de relação objetal. Assim, para o autor, aquilo que está em jogo na fase anal é a questão sobre a atividade/passividade, o controle sobre si e sobre o prazer do outro.

Uma segunda fase pré-genital é a da organização sádico-anal. Nela a divisão em opostos que perpassa a vida sexual já se constituiu, mas eles ainda não podem ser chamados de masculino e feminino, e sim de ativo e passivo. A atividade é produzida pela pulsão de dominação através da musculatura do corpo e como órgão do alvo sexual passivo o que se faz valer é, antes de mais nada a mucosa erógena do intestino (Freud, 1905/1980, p. 186). A atividade é efetivada nesta fase através do controle, da disciplina de uma necessidade, para atender a demanda de um outro. Se aqui o suposto objeto de desejo é exatamente a “merda”, o obsessivo se posiciona na tentativa de atender a demanda do outro, permanecendo naquilo que o outro pede. Assim, aqui o seu próprio desejo fica completamente secundarizado: “Não é que eu queira, eu necessito”; “Eu consigo viajar se tenho um trabalho pra

fazer, mas para me divertir? Me sinto mal”; “Eu não consigo manter em mim a felicidade por muito tempo, ela some, se esvai, são momentos”.

Na fase anal o objeto mais esperado é aquele que é posto fora, que deve ser limpo. Assim, é fácil entendermos porque o obsessivo muitas vezes se identifica com o que é dejetado, com o que não tem valor. Exatamente por isso, o obsessivo tem como mecanismo o “deixar para lá”, que corresponde a abrir mão da sua posição desejante. O obsessivo é muito oblativo, tudo para o outro, a oferta toda para o outro, toda doação para o outro. A questão, aqui, é ser visto e não se ver, muito mais do que se doar para alguém.

A oblatividade está igualmente relacionada com a fase anal, com a analidade, assim como estão o dever e a obediência. Nesta fase o sujeito faz para o outro e se define para o outro, mas esta oblatividade é igualmente um blefe de ser do obsessivo porque o tudo para o outro é não somente abrir mão de sua posição desejante como igualmente se manter em uma posição narcísica. Sobre essa questão Freud (1914/1980) nos informa que podemos entender o narcisismo como um momento de desenvolvimento da sexualidade entre o auto-erotismo e o amor objetal, no qual há um primeiro esboço de “eu” na medida em que ocorre aí uma possibilidade de unificação das pulsões parciais sobre o ego, agora tomado como objeto de investimento libidinal. Importa salientar que para o autor, esse primeiro movimento narcísico tem como ponto de partida a revivescência do narcisismo dos pais que se volta para o filho e o concebe como o ideal de perfeição.

Se prestarmos atenção à atitude dos pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que há muito abandonaram (Freud, 1914/1980, p. 107). Ou seja, é a partir da identificação do bebê a esse ideal de perfeição que o narcisismo infantil se efetiva em torno de um eu-ideal, perfeito, completo, narcísico por excelência. Resta observar, contudo que, identificado a esse ideal, a criança se mantém cativa a uma imagem que o aliena no desejo do outro. Esta posição poderá ser ultrapassada a partir da intromissão processada por um elemento externo, em termos de uma Lei cultural, organizadora do desejo e das relações humanas, permitindo que a criança assuma o seu lugar como sujeito desejante.

O desenvolvimento do ego consiste em um afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido

em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal (Freud, 1914/1980, p. 117). Momento que assinala os impasses do desejo diante dos quais o neurótico obsessivo paralisa e duvida... e narcisicamente se aliena no desejo do outro que deve por ele decidir, querer, fazer, demandar. O obsessivo ou é o melhor ou é o pior, não há meio termo. O *deixar para lá* do obsessivo é uma forma de ele estar bem no ambiente no qual está inserido e não tomar um posicionamento. O obsessivo está sempre disposto a tudo, desde que ele não se comprometa e, assim, sua oblatividade ocorre sem singularização, sem vínculo. Ocorre, aqui, uma alienação no campo do outro. É o outro que sabe do meu desejo! Desta forma, o obsessivo “melhora” quando está sendo mandado e “piora” em seus sintomas, entrando em dúvida e culpa, quando tem de decidir sobre algo seu. No “ser mandado”, o indivíduo está sob a autoridade de um outro que não ele mesmo. “Somos presos um ao outro como uma corda em uma âncora de navio”. O eu do obsessivo é narcísico, ou seja, imagem idealizada que escamoteia o sujeito do desejo. As perguntas das quais o obsessivo se refuta a responder sempre são: “O que você deseja?”, “O que você quer?”, “O que você é?”.

O obsessivo igualmente degrada o desejo em pensamento como uma forma de ele se desconectar como sujeito. O que marca a neurose obsessiva é a descontextualização, é a quebra das interconexões, a quebra da temporalidade, a confusão na relação temporal. A arte da neurose obsessiva é fazer um embaralhamento dos fatos e afetos, descontextualizando-os através dos mecanismos da dissociação, da desafetação e do isolamento.

As explosões de raiva do neurótico obsessivo advêm dessa dissociação entre o afeto e os fatos que ele relata, o que nos remete a um outro mecanismo de defesa utilizado por ele: o isolamento – daí a facilidade com que encontramos, relacionada à neurose obsessiva, a depressão. O obsessivo não esquece, ele enfraquece a idéia. A idéia e o afeto permanecem no mesmo espaço, porém dissociados. Na neurose obsessiva as peças do quebra-cabeça estão na mesa, mas embaralhadas de tal forma que este não consegue ser montado. O que ocorre é um aborto da questão aflitiva a partir da não possibilidade de qualquer associação. A idéia fica desafetizada, desinvestida, não vai para o corpo, fica ainda na consciência, destituída do valor psíquico. A esse respeito, muito cedo em sua obra, Freud (1894/1980) apontou para uma diferença específica entre os mecanismos de defesa utilizados na

histeria e na neurose obsessiva para lidarem com o conflito psíquico. Segundo o autor, diante de uma idéia incompatível para a consciência, os neuróticos reagem dissociando a representação de sua quota de afeto. Até aí o mecanismo utilizado é idêntico em ambas as neuroses. A diferença recai sobre o destino reservado ao afeto: se na histeria a carga afetiva é convertida para a esfera somática, produzindo os sintomas, na neurose obsessiva o afeto se liga a outras representações não aflitivas, constituindo a cadeia de pensamentos obsessivos.

Quando alguém com predisposição à neurose, carece de aptidão para a conversão, mas, ainda assim, para rechaçar uma representação incompatível dispõe-se a separá-la de seu afeto, esse afeto fica obrigado a permanecer na esfera psíquica. A representação, agora enfraquecida, persiste ainda na consciência, separada de qualquer associação. Mas seu afeto, torna-se livre, liga-se a outras representações que não são incompatíveis em si mesmas, e graças a essa falsa ligação, tais representações se transformam em representações obsessivas (Freud, 1894/1980, p. 58). Dessa forma, o que ocorre na neurose obsessiva é a regressão do agir para o pensar. O neurótico obsessivo gasta uma enorme energia com o pensar e com o elaborar, e isso ocorre por defesa e não por um movimento criativo por parte dele.

Quase finalizando...

Terminamos nossa reflexão sobre a dinâmica neurótica obsessiva a partir de uma música de roda que diz “o anel que tu me destes era vidro e se quebrou/ o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou”. O obsessivo sempre se acha em dívida, a culpa é seu recibo assim como a dúvida poderia ser o carbono desse papel no qual a culpa se inscreve. O laço que o obsessivo constrói com o outro é um laço frágil, posto não ser ele um sujeito que se implica nas coisas ou com as pessoas, é um vínculo de vidro, fino. Enquanto aquele que ele tiver como parceiro mantiver a fantasia de completude, o anel será sustentado e existirá o laço social, porém, quando ele perceber que não existe completude, que o outro falha, o que havia se torna pouco, até porque aponta para a sua incompletude principalmente, este laço se quebra e se degrada em dever, necessidade e obrigação; se resseca, pesa e provoca o afastamento das pessoas. “Não sei por que sempre acontece isso, os amigos somem”, “As pessoas pensam que eu sumo porque eu não gosto mais delas, eles não me esperam voltar: acho que as pessoas se cansam de mim e vão embora”.

Kehl (1999) nos diz que o obsessivo aparenta ser aquele que é o principal responsável pela sustentação do laço social na sua preocupação com as regras, com as pequenas exigências da lei, com os compromissos, com a opinião do semelhante, mas que o obsessivo nunca está onde se produz o laço social, ou seja, no meio de seus semelhantes. Kehl (1999) marca que

*O obsessivo é, dentre os irmãos, aquele que se recusa a tapar o pai, o que tenta levar o pai a sério e denuncia os blefes criativos e vitais da fratria. O que não sabe brincar. O que está sempre sozinho, e tenta dar de ombros com desdém: “eu não preciso disso...”. Apartado da fratria, quando o ser se revela cruelmente um blefe, o obsessivo não encontra nada para colocar neste lugar **Longe do outro, longe dos jogos de faz-de-conta que jogamos consentidamente com o semelhante, longe dos pequenos e variados sinais do reconhecimento de nossa existência que o semelhante nos envia – o que podemos dizer de nós mesmos?** (p. 82) (grifos nossos).*

O que podemos dizer de nós mesmos? Acreditamos que essa pergunta não conseguiria ser respondida por um obsessivo, ele foge dela, por isso diz, solitário, que não precisa do brincar nem do brinquedo, nem do outro.

Há uma imagem poética que, ao longo desse trabalho, nos acompanhou. Ela advém da poesia *Quase* de Mario de Sá-Carneiro.

Um pouco mais de sol – eu era brasa,
Um pouco mais de azul – eu era além.
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse aquém...
Assombro ou paz? Em vão... Tudo esvaído
Num grande mar enganador de espuma;
E o grande sonho despertado em bruma,
O grande sonho – ó dor! – quase vivido...
Quase o amor, quase o triunfo e a chama,
Quase o princípio e o fim – quase a expansão...
Mas na minh’alma tudo se derrama...
Entanto nada foi só ilusão!
De tudo houve um começo ... e tudo errou...
– Ai a dor de ser – quase, dor sem fim...
Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,
Asa que se enlaçou mas não voou...
Momentos de alma que, desbaratei...

Templos aonde nunca pus um altar...
Rios que perdi sem os levar ao mar...
Ânsias que foram mas que não fixei...
Se me vagueio, encontro só indícios...
Ogivas para o sol – vejo-as cerradas;
E mãos de herói, sem fé, acobardadas,
Puseram grades sobre os precipícios...
Num ímpeto difuso de quebranto,
Tudo encetei e nada possuí...
Hoje, de mim, só resta o desencanto
Das coisas que beije mas não vivi...
Um pouco mais de sol – e fora brasa,
Um pouco mais de azul – e fora além.
Para atingir faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse aquém...

Vemos, nas metáforas desta poesia, a aflição e a dor daquele que, se achando parte de uma fratria se percebe não sendo parte de nada; que querendo ser ótimo se vê constantemente jogado no lugar do nada, do dejetivo, se percebendo um blefe de ser. Vemos, na gradação crescente das metáforas, a angústia que aflora e assola o neurótico obsessivo diante da paralisia dos rituais, diante da angústia que o desejo causa quando este aflora na sua forma viva, sem estar dissociado, racionalizado, ressecado. Um obsessivo é um *quase*, titubeando entre uma imagem idealizada de completude e de excelência e a certeza interna de que ninguém jamais é assim, logo ele é um passo que faltou para poder ser tudo ou todo... Como nos diz Sá-Carneiro, o neurótico obsessivo seria o grande sonho – ó dor! – quase vivido, o grande sonho despertado em bruma, o quase amor, quase triunfo e a chama, quase o princípio e o fim, quase expansão e, diante do *quase*, o obsessivo foi só ilusão! O obsessivo, portanto, é aquele que diz de si “eu falhei-me entre os mais, falhei em mim... para atingir faltou-me um golpe de asas, se ao menos eu permanecesse aquém”, mesmo que este “ser aquém” real esteja recoberto nos entulhos das defesas obsessivas, mesmo que esteja camuflado ou transmutado em excelência falseada.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1980). As neuropsicoses de defesa. Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 51-67). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1894)

- Freud, S. (1980). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 159-187). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1896)
- Freud, S. (1980). Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 129-251). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905)
- Freud, S. (1980). Sobre o narcisismo: Uma introdução. Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 89-122). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914)
- Freud, S. (1980). Reflexões para os tempos de guerra e morte. Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 311-399). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915)
- Freud, S. (1980). Erotismo anal e o complexo de castração. Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 81-97). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1918)
- Kehl, M. R. (1999). Blefe! Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 17, 79-82.
- Maia, M. V. M. (2007). Rios sem discurso: Reflexões sobre a agressividade da infância na contemporaneidade. São Paulo: Vetor.
- Quinet, A. (1993). *As 4 + 1 Condições da Análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sá-Carneiro, M. (1995). *Poesia*. São Paulo: Iluminuras.

Recebido: 11/05/2006
Última revisão: 18/05/2007
Aceite final: 25/05/2007

Nota:

¹ Este artigo teve a orientação e a supervisão do Dr. Marcus Camaru, professor do Circulo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ) na disciplina de Neurose obsessiva I e II. A ele o nosso agradecimento e o nosso reconhecimento.

Sobre as autoras:

Maria Vitória Mamede Maia: Psicóloga, Psicopedagoga, Mestre em Literatura Brasileira (Puc-Rio), Doutora em Psicologia Clínica (PUC-Rio), Psicopedagoga do NOAP - PUC-Rio (Núcleo de Orientação e atendimento psicopedagógico) e do Ceperj (Centro de Estudo Psicopedagógico do Rio de Janeiro). Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Endereço eletrônico: mvtoriamaia@gmail.com.

Nadja Nara Barbosa Pinheiro: Psicóloga, Psicanalista. Especialista em Psicoterapia (IPUB-UFRJ) Mestre em Psicologia (UFRJ), Doutora em Psicologia Clínica (PUC-Rio). Professora Adjunto da Universidade Federal do Paraná. Coordenadora do Laboratório de Psicanálise da UFPR. Endereço eletrônico: nadjanbp@ufpr.br.

Endereço para correspondência: Universidade Federal do Paraná, Departamento de Psicologia, Praça Santos Andrade, 50, 2º andar – 80060-000 Curitiba, Paraná.
